

Projeto de Evangelização da Juventude

“Como o Pai me enviou, eu também envio vocês”

(Jo 20,21)

Arquidiocese de Mariana - MG

2017

Apresentação

Após longo processo de reflexão, aprofundamento e elaboração, o Conselho Arquidiocesano de Pastoral, em sua reunião de 17 de fevereiro de 2017, analisou profundamente este *Projeto de Evangelização da Juventude* de nossa Igreja particular de Mariana, enriquecendo-o com muitas contribuições e dando unanimemente seu parecer favorável à sua aprovação.

Precisamos unir as forças para levar adiante a opção preferencial pelos jovens que a Igreja da América Latina assumiu na Conferência de Puebla (México) em 1979. A Conferência de Aparecida, em 2007, nos estimula a prosseguir nessa opção: “Os jovens e adolescentes constituem a grande maioria da população da América Latina e do Caribe. Representam enorme potencial para o presente e o futuro da Igreja e de nossos povos, como discípulos e missionários do Senhor Jesus. Os jovens são sensíveis a descobrir sua vocação a serem amigos e discípulos de Cristo. São chamados a ser ‘sentinelas da manhã’, comprometendo-se na renovação do mundo à luz do Plano de Deus. Não temem o sacrifício nem a entrega da própria vida, mas sim uma vida sem sentido. Por sua generosidade, são chamados a servir a seus irmãos, especialmente aos mais necessitados, com todo o seu tempo e vida. Têm

capacidade para se opor às falsas ilusões de felicidade e aos paraísos enganosos das drogas, do prazer, do álcool e de todas as formas de violência. Em sua procura pelo sentido da vida, são capazes e sensíveis para descobrir o chamado particular que o Senhor Jesus lhes faz. Como discípulos missionários, as novas gerações são chamadas a transmitir a seus irmãos jovens, sem distinção alguma, a corrente de vida que procede de Cristo e a compartilhá-la em comunidade, construindo a Igreja e a sociedade” (Dap. 443).

Este Projeto coloca-se em sintonia com o documento *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais* da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: “Estamos certos de que o presente e o futuro da própria Igreja dependem de nossa opção ‘afetiva e efetiva’ pelos jovens, como, também, a nossa sociedade progredirá à medida que puder contar com cidadãos verdadeiramente capacitados a testemunhar, defender e propagar os valores do Evangelho, todos eles a favor da vida plena para o ser humano. A busca de unidade de nossas forças eclesiais em vista de um trabalho mais eficiente encontra neste documento as suas linhas gerais e motivações. A diversidade de carismas, espiritualidades e pedagogia de trabalho juvenil é para nós uma riqueza na Igreja de Jesus Cristo. Quanto mais estivermos convencidos do valor da “unidade na diversidade” mais os nossos jovens se beneficiarão,

as nossas comunidades se fortalecerão e a nossa sociedade sentirá a força positiva de uma juventude convicta e entusiasmada pelos verdadeiros valores pregados por Jesus Cristo” (CNBB, Doc. 85).

A Arquidiocese de Mariana renova sua opção preferencial pelos jovens, nessa busca assumida em conjunto, com a graça de Deus, e no desejo de levar adiante as propostas apresentadas por este Projeto, com o intuito de concretizar a missão evangelizadora que nos é confiada pelo Senhor. “Queremos colaborar com a pluralidade de pastorais, grupos, movimentos e serviços que existem em nossa Igreja particular para que trabalhem em conjunto, visando ao bem da juventude, e para que os nossos jovens, reconhecidos como sujeitos e protagonistas, contribuam com a ação de toda a Igreja, especialmente na evangelização dos outros jovens” (cf. CNBB Doc. 85, n.5).

Encorajadoras são as palavras do Papa Francisco na carta dirigida aos jovens, por ocasião da apresentação do documento preparatório para a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos que terá como tema *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*: “Vêm-me à mente as palavras que Deus dirigiu a Abraão: ‘Sai da tua terra, deixa a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te mostrar!’ (Gn 12, 1). Hoje estas palavras são dirigidas também a vocês jovens: são palavras de um Pai que os convida a ‘sair’ a fim de se lançarem em direção

de um futuro desconhecido, mas portador de realizações seguras, ao encontro do qual Ele mesmo os acompanha. Eu os convido a ouvir a voz de Deus que ressoa em seus corações através do sopro do Espírito Santo”.

Mariana, 19 de março de 2017

+ Geraldo Lyrio Rocha
Arcebispo Metropolitano

Introdução

“A juventude mora no coração da Igreja e é fonte de renovação da sociedade. Os jovens de todos os tempos e lugares buscam a felicidade. A Igreja continua olhando com amor para os jovens, mostrando-lhes o verdadeiro Mestre — Caminho, Verdade e Vida — que os convida a viver com ele”.¹

- 8.** A juventude sempre mereceu da Igreja uma atenção especial, ainda que nem sempre tenha sido prioritariamente assistida e acompanhada. Vista, muitas vezes, mais como desafio do que como sujeito de sua história, a juventude ganhou destaque na ação evangelizadora da Igreja na América Latina, especialmente, a partir da *opção preferencial pelos jovens* feita pelos bispos da América Latina e Caribe, na Conferência de Puebla em 1979. Remonta particularmente a essa data o esforço da Igreja em organizar e articular os jovens a fim de que, evangelizados, se tornem evangelizadores na perspectiva da construção da “civilização do amor”².
- 9.** A Igreja no Brasil tem uma animadora história de evangelização da juventude. Os tempos atuais, no entanto, exigem revisão de métodos, renovação de compromissos, construção de novos caminhos. Com esse intuito é

¹ CNBB, *Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais* (Documento 85). n. 1.

² PAPA PAULO VI, *Regina Coeli do Domingo de Pentecostes*. 17 de Maio de 1970

que os bispos brasileiros aprovaram em 2007 o Documento “Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais”, numa demonstração de compromisso com os jovens. *“Queremos renovar a opção afetiva e efetiva de toda a Igreja pela juventude na busca conjunta de propostas concretas que favoreçam uma verdadeira evangelização desta parcela da nossa sociedade”.*³

- 10.** Nossa Arquidiocese de Mariana traz também, em sua história quase tricentenária, as marcas de uma juventude animada e atuante. O evangelho ecoa vibrante no coração de nossos jovens que, a seu modo e tempo, procuram dar sua resposta ao chamado de Cristo que vem ao seu encontro. Sentimos, no entanto, a urgência de aprimorar os caminhos de evangelização da juventude. Inspira-nos nesse propósito o Documento 85 da CNBB que se constitui em indispensável diretriz para um trabalho articulado e organizado da evangelização da juventude.
- 11.** Com este projeto de evangelização da juventude, nossa Arquidiocese confirma sua confiança e predileção para com os jovens e os assume como sujeitos da nova evangelização que nos exige ser uma Igreja em saída⁴, pobre e para os pobres⁵, misericordiosa e acolhedora a serviço da vida e da esperança.

³ CNBB, *Evangelização da Juventude*. n. 4.

⁴ PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. n. 20-23.

⁵ Cf. *Ibid.* n. 198.

CAPÍTULO I

A JUVENTUDE NA EVANGELIZAÇÃO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA

1. NOSSA HISTÓRIA

1.1 - O começo de tudo

- 12.** A história do Povo de Deus peregrino nesta terra é a experiência de caminhada, de processo. Cada etapa desta caminhada tem as marcas das circunstâncias e das necessidades do momento. Não se pode estabelecer uma única linha de ação em favor dos jovens ou de uma organização da juventude, sem que se leve em conta a bonita e longa história da evangelização em nossa Arquidiocese.
- 13.** Somos a sexta diocese criada no país. Na época, 1745, nossas paróquias estavam sob o governo do bispo do Rio de Janeiro. Não existiam tantos povoados nem muitas estradas. Tudo estava se formando. A exploração das riquezas, especialmente do ouro, atraía várias pessoas que queriam ganhar a vida. Diante das necessidades espirituais dessa época, a presença de um bispo e de uma diocese deu nova força para a expansão do evangelho.
- 14.** A criação de paróquias, a formação do clero, a orga-

nização dos serviços eclesiais, a proximidade de um bispo residente e de padres nas paróquias entre outras iniciativas foram decisivas para uma evangelização consistente. Assim, podemos afirmar que em nossas terras a fé foi se enraizando devido ao trabalho incansável de inúmeras pessoas: bispos, padres, leigos e leigas.

1.2 - A evangelização dos jovens

- 15.** Na história da evangelização em nossa Arquidiocese, talvez se possa apontar a falta de algum serviço ou de maior preocupação com os jovens. Pode-se ainda lembrar que muitos pastores e também leigos tiveram dificuldade em acolher expressões juvenis e ideias novas dentro da Igreja, movidos por atitudes conservadoras. Embora nem sempre, nos diversos contextos de nossa caminhada, possamos vislumbrar uma ação mais sistemática e organizada, não se pode negar que com os métodos e meios próprios da época, muitos foram aqueles que se preocuparam com a juventude. Entretanto, não podemos julgar o passado segundo nossa visão. Devemos ler o passado procurando entender o ponto de vista da época.
- 16.** Falamos de uma história de séculos com várias etapas e, durante muito tempo, não havia preocupação com uma ação voltada especificamente para a juven-

tude, pois a preocupação era a Igreja como um todo. Ao lado disso, contudo, a Igreja particular de Mariana contou também com a presença de muitos pastores (bispos e padres) que voltaram sua atenção para os jovens.

- 17.** Seja pelo seu carisma pessoal ou pela necessidade, a Arquidiocese de Mariana, a seu modo, procurou fazer bem seu serviço de evangelizar. Muitos leigos e leigas engajaram na vida social, política e cultural de nossa terra criando nosso patrimônio e transformando as mais diversas realidades.
- 18.** Primeiramente tivemos um grande período de criação e organização das estruturas para a expansão e manutenção da fé. E isto em um contexto bastante desafiador. A criação das paróquias e até as atividades cotidianas eram regulamentadas ou fiscalizadas pelo governo. Havia uma mistura de forças e interesses em todos os lugares onde se começavam as povoações; a fé também chegava e tinha seu espaço fundamental.
- 19.** Além disso, não se entendia a Igreja como a entendemos hoje. E não havia a preocupação em trabalhar por setores ou por grupos e idades. Todos estavam reunidos em torno da paróquia e de uma sociedade que foi encontrando em diversas expressões leigas a forma de vivenciar a espiritualidade. Nesse período, devemos destacar o papel das irmandades e ordens terceiras. Eram ponto

de vivência da fé, espaço para formação das lideranças e oportunidade de participação dos leigos entre os quais, certamente, se incluíam muitos jovens.

20. Fatores históricos e de organização eclesial em nosso país de dimensões continentais e particularmente em Minas Gerais contribuíram para o crescimento do catolicismo popular e aos leigos coube a função de anunciar o Evangelho, propiciando o fortalecimento da piedade popular. Gerações inteiras foram formadas através da recitação do terço, das orações à Virgem Maria e de tantas outras práticas devocionais como as coroações, as novenas, as procissões, as encenações na semana santa.
21. Muito se deve também à família, verdadeira catequista de nossa juventude. Inúmeros discípulos missionários aprenderam dentro de casa, verdadeira escola da fé, a amar a Jesus e viver seu seguimento.

1.3 - A contribuição do Seminário e das escolas católicas

22. O Seminário de Mariana, primeira instituição de educação de Minas, foi criado em 1750 e educou gerações e gerações de jovens seja para o ministério presbiteral, seja para o testemunho da fé na sociedade. Além do Seminário, o Colégio do Caraça, da Congregação da Missão (padres lazaristas), também foi protagonista na evangelização de muitos jovens.

- 23.** As escolas católicas foram, igualmente, importantes na formação religiosa de incontáveis gerações. O Colégio Providência, na cidade de Mariana, foi a primeira escola feminina de Minas, fundado em 1850. Dom Viçoso, bispo santo, pediu à Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo que viessem para educar e formar as moças. Nas escolas católicas, ao longo dos séculos, gerações aprenderam os valores da fé com a vida dos santos, com as celebrações, através dos teatros, das reflexões, da presença das Congregações Religiosas que para aqui vieram.
- 24.** Depois de um longo período, com as transformações que o país atravessou, outros elementos foram agregados à evangelização dos jovens. Na virada do século XX, alguns grupos foram surgindo, além daqueles ligados aos colégios católicos. Na Igreja, as Filhas de Maria, a Congregação Mariana, as Conferências Vicentinas foram chegando e se estabelecendo como lugares de protagonismo leigo e, muitas vezes, com destaque para os jovens. Os congressos eucarísticos e as jornadas da fé começaram a dar ares novos à expressão da fé juvenil.
- 25.** Pouca notícia se tem da presença e atuação organizada e articulada da Ação Católica em nossa Arquidiocese, especialmente, em relação à juventude que se destacou por meio da Juventude Agrária Católica

(JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC). Sabe-se, no entanto, que houve experiências isoladas desta organização juvenil, sobretudo, no meio estudantil. Há testemunhos, inclusive, de jovens que, motivados pela Ação Católica, se posicionaram contra a ditadura instalada no Brasil sofrendo, por causa disso, forte perseguição por parte dos militares.

- 26.** O grande evento, no entanto, que provocou uma reviravolta na evangelização foi o Concílio Vaticano II. A partir daí, a proposta de uma Igreja renovada e de portas abertas provocou uma mudança de atitude. Em nossa Arquidiocese a implementação do Concílio foi um processo lento. Nossos pastores enfrentaram muitos desafios. Foi surgindo na Igreja um jeito novo de se organizar, com a presença de alguns movimentos que renovaram a forma de agir em relação à juventude.

1.4 - O surgimento do protagonismo juvenil

- 27.** A partir do Vaticano II, floresceram, também na Arquidiocese de Mariana, os movimentos voltados exclusivamente para a evangelização dos jovens. Lembremos, por exemplo, a Juventude Vicentina, organizada pela Sociedade São Vicente de Paulo por meio da Comissão Jovem (CJ), bem como a Juventude Mariana,

oriunda da Congregação Mariana. Além desses, outros movimentos se destacam como veremos abaixo.

- 28.** Em meados de 1970, chegaram os Movimentos Shalom e Emaús. O primeiro tem como carisma formar lideranças cristãs, propiciando aos jovens uma experiência de fé no encontro com a pessoa de Jesus Cristo e seu evangelho. Propõe-se, ainda, a buscar uma espiritualidade encarnada, o engajamento pastoral, a formação vocacional, a formação humano-afetiva, o compromisso social, o amadurecimento da fé, a consciência de uma Igreja em comunhão, a valorização do lugar de pertença e a consciência eclesial enraizada na própria cultura.
- 29.** Já o Emaús tem como objetivo evangelizar jovens a partir de um curso de três dias que os prepara para darem testemunho de sua fé em sua comunidade. O nome e a dinâmica do Movimento inspiram-se na narrativa sobre a aparição de Cristo aos discípulos (Lc 24,13-35). O Emaús espalhou-se rapidamente pela Arquidiocese e ganhou a simpatia de inúmeras paróquias que tiveram verdadeiras gerações de jovens formadas nele.
- 30.** Outro movimento que ganhou destaque nos anos 1970 foi o Treinamento de Liderança Cristã (TLC), embora sem a mesma abrangência que os dois anteriores. Como o próprio nome diz, esse movimento caracterizava-se no treinamento de jovens para viver

a fé na comunidade. Nesse período, tem-se notícia, também, de iniciativas particulares da participação de jovens de nossa Arquidiocese, inclusive padres, no Movimento Focolares.

- 31.** O fim dos anos 1980 inaugura uma nova fase de evangelização da juventude na Arquidiocese. Começa a se estruturar, em 1988, a Pastoral da Juventude (PJ) que, em pouco tempo, se fez presente nas cinco regiões pastorais da Arquidiocese, criadas por Dom Luciano. Tendo como novidade a pedagogia dos pequenos grupos de base e o protagonismo juvenil, ela implementou uma dinâmica diferente na organização e articulação dos jovens com cursos, assembleias, seminários, assessorias. No rastro da Ação Católica, a PJ procurou organizar os jovens a partir de seu lugar, daí nasceram a Pastoral da Juventude Rural (PJR), a Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) e a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP).
- 32.** Nos anos 1990, surgiu em Viçosa, a experiência do Ministério Universidades Renovadas (MUR), da Renovação Carismática Católica. Começou com o nome de Grupos de Oração Universitários (GOU's), realizando atividades diversas nos intervalos das aulas, estudos bíblicos e retiros. Presente na maioria das faculdades e universidades existentes em nossa Arquidiocese e também fora dela, o MUR reúne cerca de 600 grupos.

Seu objetivo é levar os jovens universitários a fazer uma experiência de fé no encontro com Cristo pela ação do Espírito Santo e promover o diálogo entre fé e razão no ambiente universitário.

- 33.** Em 2001, nasce na Arquidiocese o Ministério Jovem, da Renovação Carismática Católica (RCC). Chamado inicialmente de “Secretaria Marcos”, o Ministério Jovem começou na cidade de Congonhas, chegando, posteriormente, a Ouro Preto e Itabirito. Hoje, ele está presente nas cinco regiões pastorais de nossa Arquidiocese de Mariana. Seu objetivo é evangelizar, formar, assistir, orientar e motivar os jovens a partir da identidade da RCC, inserindo-os na vida da Igreja.
- 34.** Nessa época também surgiram, em nossa Arquidiocese, o Encontro de Adolescentes com Cristo (EAC) e o Encontro de Jovens com Cristo (EJC). Inspirados no Encontro de Casais com Cristo (ECC), trabalham a espiritualidade de crianças, adolescentes e jovens no esforço de levá-los à adesão a Jesus Cristo.
- 35.** Podemos citar, ainda, a Juventude Missionária (JM), que começa a se fazer presente de forma organizada na Arquidiocese, e o Serviço de Animação Vocacional (SAV) cujo trabalho é despertar os cristãos, especialmente os jovens, para sua vocação humana, cristã e eclesial.

- 36.** Em 2004, Dom Luciano Mendes de Almeida, depois de ouvir a 13ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, aprovou 2005 como o “Ano da Juventude” na Arquidiocese. Sua realização proporcionou às paróquias e aos grupos envolvidos com a evangelização dos jovens um tempo forte de partilha e comunhão eclesial, renovando a opção afetiva e efetiva da Igreja particular de Mariana pela Juventude.
- 37.** A Jornada Mundial da Juventude, realizada no Rio de Janeiro em 2013, com a presença do Papa Francisco, revigorou o ânimo dos jovens de nossa Arquidiocese. Sua preparação, especialmente com a peregrinação da cruz nas cinco regiões pastorais da Arquidiocese, constituiu-se em momento privilegiado de evangelização da juventude e um convite aos jovens para o seguimento de Jesus.

2. REALIDADE JUVENIL APROXIMAÇÃO E COMPREENSÃO

“Conhecer os jovens é condição prévia para evangelizá-los”⁶

2.1 - Conhecer para amar e servir melhor

- 38.** O conhecimento da realidade juvenil é fundamental em vista do processo de evangelização. Contudo, ao mesmo tempo em que se percebe essa necessidade

⁶ CNBB, *Evangelização da Juventude*, nº. 10.

de conhecimento, percebe-se também seu desafio. Engana-se quem pensa que a juventude pode, facilmente, ser compreendida. Há muito engano e superficialidade em algumas afirmações ou tentativas de enquadrar os jovens dentro de uma única realidade ou condição. Nesse sentido, é importante reconhecermos a diversidade e pluralidade do universo juvenil no mundo contemporâneo.

- 39.** Um primeiro aspecto a ser considerado é que não se pode compreender a juventude como um bloco homogêneo e único. Por isso mesmo, é cada vez mais comum não se referir apenas à juventude e sim às juventudes, pois os contextos são de tal modo diferentes e autônomos entre si que revelam elementos profundamente originais. Tais elementos produzem grupos juvenis variados. Levar em conta essa constatação quando se deseja conhecer a realidade juvenil é o primeiro passo para evitar discursos ou análises demasiadamente superficiais ou abrangentes.
- 40.** É necessário também questionar-se sobre o conceito prévio de cada pessoa que procura se aproximar e compreender as diversas realidades juvenis, pois “a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”. Sendo assim, o “pré-conceito” que elaboramos sobre as juventudes interfere no modo de contemplar e compreender tal universo. Mesmo que não queiramos,

formulamos uma análise de quem são os jovens ou como podemos entendê-los que nem sempre corresponde à realidade.

2.2 - Compreensões a respeito da Juventude

41. Muitos compreendem a etapa da juventude como uma etapa “**preparatória**” para a vida futura. O jovem é visto como um potencial adulto que precisa ser preparado a fim de ser inserido na Igreja, na sociedade e no mundo. Quem pensa assim, entende que os adultos devem formar e informar os jovens. E que estes não podem fazer muito coisa, pois ainda não sabem nada. Uma frase que fortalece esse tipo de visão é “os jovens são a esperança do futuro”.
42. Outra forma de ver a juventude é a partir do **problema**. Os jovens são entendidos como os responsáveis pela maioria dos problemas existentes na sociedade. São eles os responsáveis pela violência, pela delinquência social, pelas diversas situações de desestrutura familiar. São acusados ainda de não mais desejarem os mesmos valores de gerações anteriores. São problemáticos porque não aceitam as ordens, regras e normas vigentes na família e nos diversos grupos sociais.
43. A terceira maneira tende a olhar a juventude como o grande **ideal a ser alcançado**. Coloca-se no jovem toda a expectativa de trazer consigo a solução dos proble-

mas vividos na sociedade. Sobre os ombros dos jovens recai a responsabilidade de mudar o mundo. Projeta-se nas novas gerações uma possibilidade de resolver as frustrações não resolvidas no passado. A juventude seria desse modo, uma oportunidade para concretizar os sonhos e desejos das gerações mais adultas.

- 44.** O quarto olhar faz perceber os jovens a partir da sua condição de **sujeitos**, portadores de direitos. Não se trata de um olhar pessimista ou ingênuo, mas que enxerga o jovem como pessoa, um ser capaz de desenvolvimento e autonomia. Mesmo que esteja em fase de amadurecimento o jovem, é capaz de oferecer contribuições significativas para a sociedade. São mais vulneráveis às mudanças culturais e vítimas de um sistema que não possui lugar para todas as pessoas. Por isso mesmo, entende-se a necessidade de criar condições de inclusão e respeito nos diversos âmbitos da vida humana.

2.3 - O nosso olhar sobre os jovens em época de mudanças

- 45.** Como seguidores e seguidoras de Jesus Cristo, somos motivados a olhar as diversas juventudes com os olhos do **Bom Pastor**, que sente compaixão de suas ovelhas. Isso não significa desconsiderar todas as contribuições que as ciências, sobretudo as sociais

e humanas, nos têm oferecido. Pelo contrário, um olhar verdadeiramente cristão é aquele que acolhe as mediações humanas a fim de melhor compreender o mundo e as pessoas.

- 46.** A respeito do nosso tempo, são muitos os que afirmam que vivemos uma mudança de época e não uma época de mudanças. Apesar do risco de se tentar explicar tudo a partir de tal afirmação, trata-se de uma constatação que se percebe cada vez mais verdadeira. O século XXI abre um tempo novo. Conseqüentemente, uma nova forma de organização da sociedade e da pessoa há de surgir. Os elementos fundamentais que sustentavam a sociedade em outros tempos parecem não ter mais sentido.
- 47.** Não restam dúvidas de que, mesmo não sendo o único fator, as inovações tecnológicas contribuíram muito para essa mudança que estamos vivendo. Na mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (2011), o Papa Bento XVI afirmou algo que é iluminador: “Vai-se tornando cada vez mais comum a convicção de que, tal como a revolução industrial produziu uma mudança profunda na sociedade através das novidades inseridas no ciclo de produção e na vida dos trabalhadores, também hoje a profunda transformação operada no campo das comunicações guia o fluxo de grandes mudanças culturais e sociais”.

- 48.** É neste contexto de uma mudança de época que se insere a juventude do nosso tempo. A atual geração jovem é a primeira geração totalmente digital. Isso significa que muitas coisas que faziam sentido em outras épocas já não fazem mais para eles. Se de um lado nem sempre é fácil as gerações adultas compreenderem essas mudanças, é igualmente difícil os jovens entenderem que os adultos não consigam compreendê-los. Aqui não se trata de fazer um juízo de valor entre o que é melhor ou pior em uma geração ou em outra, mas de compreender que o tempo é diferente e exige métodos e propostas diferentes, inclusive no que diz respeito à evangelização da juventude.
- 49.** “Sobretudo os jovens estão vivendo esta mudança da comunicação, com todas as ansiedades, as contradições e a criatividade própria de quantos se abrem com entusiasmo e curiosidade às novas experiências da vida. O envolvimento cada vez maior no público areópago digital⁷ dos chamados *social network*, leva

⁷ Areópago era a colina de Ares (o deus Marte), em Atenas. Trata-se de um lugar onde os atenienses se reuniam para debater assuntos variados como cidadania, filosofia e religião. Tinha como característica a diversidade e a pluralidade. Aí São Paulo fez um longo discurso conforme At 17,16-34 que se torna símbolo de uma evangelização inculturada. São João Paulo II, na Encíclica *Redemptoris Missio* (1990) usa essa expressão para designar os novos espaços culturais que desafiam a evangelização (cf. *RMi* 37c). Um desses areópagos (ambientes culturais) é o mundo das comunicações, especialmente a comunicação digital, ou seja, as redes sociais (*social network*) como destaca Bento XVI em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações em 2011.

a estabelecer novas formas de relação interpessoal, influi sobre a percepção de si próprio e, por conseguinte, inevitavelmente, coloca a questão não só da justeza do próprio agir, mas também da autenticidade do próprio ser. A presença nestes espaços virtuais pode ser o sinal de uma busca autêntica de encontro pessoal com o outro, se se estiver atento para evitar os seus perigos, como refugiar-se numa espécie de mundo paralelo ou expor-se excessivamente ao mundo virtual. Na busca de partilha, de «amizades», confrontamo-nos com o desafio de ser autênticos, fiéis a si mesmos, sem ceder à ilusão de construir artificialmente o próprio «perfil» público”⁸.

50. O Documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) sobre a evangelização da juventude destaca três aspectos desse novo tempo que vivemos e que podem ser percebidos em diversos contextos juvenis.

51. O primeiro deles é a **subjetividade/individualidade**. “A subjetividade, no contexto pós-moderno, particularmente em referência à juventude, merece estudos e conhecimentos aprofundados para que o diálogo e a linguagem estabelecidos com os jovens tenham impacto e força de convocação para o seguimento a Jesus”⁹.

⁸ BENTO XVI, *Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações*. 5 de Junho de 2011.

⁹ CNBB, *Evangelização da Juventude*. n. 16.

52. Uma das consequências desta característica está na relação com as **instituições** (escolas, Igrejas, instituições públicas etc). Se em outros contextos as instituições eram uma espécie de proteção para as pessoas, no contexto atual nem sempre são entendidas assim. Muitas vezes deseja-se a relação com o outro, o encontro, a convivência a dois, mas não a família e compromissos permanentes. Há um desejo de se relacionar com Deus, mas sem a mediação das Igrejas. Busca-se uma mudança social, mas sem a inserção em partidos políticos, sindicatos ou outros movimentos.
53. Antes de lançarmos um juízo negativo a respeito desse comportamento, é importante buscar as razões pelas quais se age assim. Por vezes, também as instituições contribuíram para isso. O descrédito das novas gerações e o afastamento de tais instituições, muitas vezes, é fruto de uma vida menos ética e coerente das gerações mais antigas.
54. O segundo aspecto é a forma como os jovens vivem sua relação com o **sagrado**. Consequência do primeiro aspecto, os jovens de hoje não são menos abertos ao sagrado do que os de ontem, embora tenha crescido o número dos que se declaram sem religião ou ateus. As mediações é que são diferentes. A linguagem religiosa propagada pelas diversas religiões nem sempre atinge e faz arder o coração do jovem.

E quando isso não acontece, dificilmente existe adesão dos jovens. Nesse sentido, é preciso buscar novas formas de linguagem religiosa que permitam estabelecer um diálogo fecundo e sadio com as novas gerações, ajudando-as a descobrirem a presença amorosa de Deus em suas vidas.

55. O terceiro aspecto refere-se à centralidade das **emoções**. A uma sociedade altamente racional, sobrepõe-se uma sociedade que valoriza as emoções. Tudo se organiza em vista de ativar o lado emocional do ser humano. Tenta-se de todas as formas atraí-lo, despertando os sentimentos e as emoções. Para tanto, as imagens são fundamentais. Há quem afirme que vivemos em uma sociedade das imagens. Em contextos juvenis, a imagem vale mais do que a palavra. Traduzir em imagens as palavras e o pensamento é um grande desafio para a comunicação neste tempo novo.

CAPÍTULO II

A MISSÃO DOS JOVENS

SOB O OLHAR DE JESUS E DA IGREJA

1. É PRECISO ENXERGAR MAIS LONGE!

56. Frente aos crescentes desafios que os jovens enfrentam, precisamos lançar um olhar de fé sobre as diversas realidades nas quais se encontram. À luz da Palavra de Deus, que alimenta a nossa fé, e iluminados também pela palavra da Igreja, é que podemos enxergar a vida para além da realidade na qual nos encontramos, ou seja, ter um novo horizonte de sentido para a missão evangelizadora. Quando olhamos a realidade somente com o nosso olhar, corremos o risco de não compreender os desafios, pois nos julgamos incapazes de enfrentá-los e superá-los. À luz da fé, que é adesão a Jesus Cristo, Palavra viva que se fez carne, podemos ter um olhar de esperança. Deste modo, vivendo a fé e a esperança, próprias de uma vida enraizada e alicerçada em Cristo (cf. Col 2,7), podemos agir impulsionados pelo seu amor e atingir os que perderam o sentido da vida e os corações desanimados e tristes. O jovem precisa **conhecer, amar, seguir e anunciar Jesus**. Essa dinâmica da fé se concretiza quando acontecem: a experiência pessoal, a

experiência comunitária e a experiência missionária-testemunhal. Contempladas estas dimensões, a ação evangelizadora que almejamos poderá florescer para estarmos unidos em Cristo.

2. UM OLHAR A PARTIR DO JOVEM GALILEU – JESUS CRISTO

57. Só quem faz a experiência do encontro pessoal com Jesus, o jovem Galileu, que é o rosto humano de Deus e ao mesmo tempo o rosto divino do homem¹⁰, é capaz de enxergar a vida e a realidade com um novo olhar, com um novo horizonte de sentido. Eis o fundamento de nossa esperança que brota da fé enquanto acolhimento de uma pessoa, Jesus de Nazaré que, através de suas palavras e gestos, nos deu a conhecer o rosto invisível de Deus que é amor e misericórdia. A alegria de quem encontra Jesus deve contagiar a outros que ainda não o conhecem. De fato, “conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor confiou ao nos chamar e nos escolher. Com os olhos iluminados pela luz de Jesus Cristo ressuscitado, podemos e queremos contemplar o mundo, a história, os nossos povos da América Latina e do Caribe, e cada um de seus habitantes”¹¹.

¹⁰ cf. JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Ecclesia in America*.n. 67

¹¹ CELAM, *Documento de Aparecida*.n. 18.

2.1 - Como Jesus iniciou a sua missão?

- 58.** Jesus começou a sua missão realizando milagres para que as pessoas pudessem crer nele? Anunciou prosperidade e sucesso para quem tivesse fé nele? O que Jesus fez no início de sua missão? E quais foram suas primeiras palavras? Ele foi logo exortando as pessoas a se converterem, mostrando-lhes que estavam no pecado?
- 59.** O agir de Jesus nos inspira em nossa missão evangelizadora. Percebe-se que a iniciativa é sempre de Deus, que vem ao nosso encontro, fazendo-se um de nós, colocando-se como o Emanuel, o Deus conosco, que escandalosamente se fez pobre, humilde e servo. Assim é que Jesus se colocou em nosso meio como aquele que serve. Assumiu a nossa realidade, a nossa cultura, participou de nossa vida, solidarizando-se com os pobres, pecadores e sofredores. Não se apresentou com um poder divino a fim de atrair as pessoas por causa de seus milagres e prodígios, mas o seu poder maior foi manifestado quando se fez fraco com os fracos, assumindo o caminho da humildade, do serviço, do sofrimento solidário ao sofrimento humano, do amor até as últimas consequências. Jesus viveu a sua missão desejando que as pessoas o seguissem, não por causa de seus milagres, mas por causa do seu amor. Por isso, quando realizava algum milagre, a fim de revelar sua identidade divina, Jesus recomendava

aos miraculados e às pessoas que presenciaram os seus prodígios que não contassem a ninguém (cf. Mc 1,44; 5,43; 7,36).

- 60.** A nossa missão deve também partir do anúncio do mistério pascal de Jesus, isto é, do seu amor manifestado radicalmente na sua paixão, morte e ressurreição. Nós pregamos Cristo Crucificado, disse São Paulo (cf. 1Cor 1,23), ou seja, pregamos o seu amor salvífico manifestado em sua entrega na cruz. Infelizmente, há muitos preocupados em anunciar somente os milagres de Jesus, criando-se uma imagem de Jesus milagreiro que veio para resolver de forma mágica os nossos problemas. É preciso tomar cuidado para não atrair as multidões, traindo o Evangelho.

2.2 - A prioridade da missão de Jesus

é proclamar o Evangelho de Deus (cf. Mc 1,14.38)

- 61.** Jesus revela desde o início que sua missão é anunciar o Evangelho. Depois da prisão de João Batista, “Jesus voltou para a Galileia proclamando o Evangelho de Deus” (Mc 1,14). De madrugada, depois do primeiro dia de atividade na Galileia, Jesus se retira para um lugar deserto e se coloca a sós em oração, na intimidade com o Pai (cf. Mc 1,35). Em seguida, Simão e os demais que estavam com Ele colocaram-se a procurá-lo e disseram: “Todos te procuram” (Mc 1,37). O con-

texto anterior nos ajuda a entender que muitos o procuravam por causa de seus milagres. No entanto, Jesus respondeu: “Vamos a outros lugares, nas aldeias da redondeza, a fim de que, lá também eu proclame o Evangelho. Pois foi para isso que eu saí” (Mc 1,38).

- 62.** Em Mc 1,14-15, Jesus primeiro anuncia o conteúdo do seu Evangelho, ou seja, a Boa Notícia capaz de suscitar esperança e certeza de que Deus ama o seu povo. Por isso, as primeiras palavras de Jesus no Evangelho de Marcos são: “Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15a). Ao dizer que o tempo se completou, Jesus se refere ao tempo da graça (Kairós), o tempo da realização da esperança com a vinda do Messias. A esperança de Israel se realiza com a presença de Jesus. Dizer que o tempo se completou é afirmar que a graça de Deus se manifestou em favor do seu povo. Em seguida, Jesus afirma que o Reino de Deus está próximo. Não se trata de uma proximidade geográfica ou da manifestação de um poder político que pudesse dar lugar ao poder do Império Romano.
- 63.** Para entender a expressão “Reino de Deus” é importante ir ao Antigo Testamento, que não usa a expressão “Reino de Deus”, mas sim o “Reinado de Deus”, para indicar o agir amoroso de Deus em favor do seu povo. Por exemplo, em alguns salmos, Deus se revela como o Pastor que cuida do seu povo (cf. Sl 22; 100; 146 e

outros); ou em Ezequiel, o profeta exorta os pastores de Israel e anuncia que Deus mesmo virá para apascentar o seu rebanho, cuidar da ovelha ferida e buscar a que se perdeu (cf. Ez 34). Quando Jesus anuncia que o Reino de Deus está próximo, Ele está afirmando que Deus está presente no meio de seu povo, agindo amorosamente, como o pastor cuida das ovelhas.

- 64.** Acolher o Reino de Deus, então, significa acolher o agir amoroso de Deus; viver sob o senhorio do seu amor, acolhendo cada gesto de Jesus, e aprender com Ele que é manso e humilde de coração (cf. Mt 11,29). Portanto, somente depois que Jesus anuncia o que Deus fez e está fazendo em favor de seu povo, é que Ele vai exortar os seus ouvintes à conversão e à fé.

2.3 - Conversão e fé: as primeiras exigências do seguimento de Jesus (Mc 1,15b)

- 65.** Diante do que Deus faz por nós, diante do reconhecimento do seu amor e de sua graça manifestados em Jesus, somos chamados a acolher esta Boa Notícia respondendo com atitudes de conversão e fé. Deste modo, Jesus nos ensina que ninguém vai se converter e crer se não lhe for anunciado o Evangelho de Deus. Mas o que significa converter-se? E o que é crer no Evangelho?
- 66.** Converter significa mudança de mentalidade, que implica uma mudança no nosso agir, no nosso compor-

tamento que deve se identificar com o modo de agir de Jesus. Conversão é um processo contínuo de conhecer a vontade de Deus, a fim de que transformemos o nosso modo de pensar e de agir (cf. Rm 12,2). Ter fé, segundo o Evangelho, não significa somente saber que Deus existe ou confiar em Deus, mas significa adesão à vida de Jesus (cf. Mt 7,21; Tg 2, 19). Mais do que nos encantar pela pessoa de Jesus, fazendo dele um grande personagem da história, um líder admirável, ou um ídolo, devemos nos encantar pela sua vida, pelo seu modo de ser e de viver. Eis o ponto culminante que o trabalho de evangelização deve buscar: ajudar as pessoas a amadurecer a sua fé, por uma sincera conversão, voltando-se para o Senhor, não por causa de seus milagres, mas por causa do seu amor e do seu agir salvífico em favor da humanidade.

- 67.** Conversão e fé significam, ainda, seguir Jesus no seu caminho e não no nosso, segundo os nossos interesses. Quem se coloca no caminho de Jesus, como discípulo missionário¹², deve ter os olhos fixos nele (cf. Hb 12,2) para aprender a olhar a realidade e as pessoas

¹² “Cada cristão é missionário na medida em que se encontra com o amor de Deus em Jesus Cristo; não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos ‘discípulos missionários’. Se não estivermos convencidos disto, olhemos para os primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: ‘Encontramos o Messias’ (Jo 1,41). Também São Paulo, depois de seu encontro com Jesus Cristo, ‘começou imediatamente a proclamar [...] que Jesus era o Filho de Deus’ (At 9,20). Por que esperamos nós?” EG, n. 120.

com o mesmo olhar de Jesus. Contemplemos, então, os olhares de Jesus que devem inspirar nosso olhar sobre os jovens em nossa missão de evangelizadores e evangelizadoras.

Um olhar de compaixão

- 68.** O olhar compassivo de Jesus o levou a agir como Bom Pastor que vê suas ovelhas abandonadas, feridas, machucadas, perdidas, como ovelhas que não têm pastor. Este olhar compassivo de Jesus se volta para o povo sofrido, marginalizado, que andava nas trevas, já sem esperança da realização das promessas que Deus havia feito a Abraão e a Davi. Por isso, Jesus inicia a sua missão na Galileia, não no centro da religião judaica que era na Judeia, especificamente, em Jerusalém. É na sua própria região que o Jovem Galileu inicia sua missão. Depois de ter sido batizado por João, no rio Jordão, Ele voltou para a Galileia, saiu de Nazaré e foi para Cafarnaum, região considerada "Galileia dos pagãos". Ali se estabeleceu para anunciar a Boa Nova do Reino de Deus (cf. Mt 4,14-16).
- 69.** Percorrendo as várias cidades e aldeias da Galileia, Jesus foi ao encontro das pessoas e se fez presença solidária e libertadora nas periferias geográficas e existenciais do seu tempo. Hoje, a Igreja nos convoca, através do Papa Francisco, a ser uma Igreja em

saída, a ter este olhar de compaixão de Jesus diante das periferias existenciais, em que se encontram muitos jovens. “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! [...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida”¹³.

Um olhar de misericórdia

70. Jesus tem não só um olhar de compaixão para com seu povo, mas também misericordioso, ou seja, movido pelo amor. Ele consegue enxergar o outro, não pelas aparências, mas por dentro, percebendo suas necessidades e sofrimentos. Este é o olhar que Jesus tem para com os pecadores, para com os fracos, os pequenos e oprimidos. Jesus segue a mesma dinâmica do olhar de Deus para os pequenos e fracos, chamados para confundir os fortes (cf. 1Cor 1,27).

13 PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*. n. 49.

- 71.** Dizer que Deus olhou para os pequenos e fracos, significa que Deus os escolheu. Assim, Deus olhou para o profeta Isaías, homem de lábios impuros (cf. Is 6,1-13); olhou para as gerações que fazem parte da genealogia de Jesus, na qual se encontram quatro mulheres: Tamar, Raab, Rute e Bersabeia (cf. Mt 1,1-16). Todas elas, estrangeiras e com conduta moral duvidosa para os judeus. Isso mostra que Jesus assumiu a nossa história com todas as suas imperfeições e infidelidades. Nesta perspectiva, vai também o olhar de Jesus, cheio de misericórdia para com os pecadores, com os quais Ele toma refeição, visita e convida para fazer parte do seu discipulado como fez com Mateus, o cobrador de impostos.
- 72.** Em nosso trabalho evangelizador, não nos pode faltar este olhar misericordioso de Jesus. Ir ao encontro dos afastados, dos que se encontram perdidos, machucados pela vida. Jesus nos ensina não julgar e condenar, mas acolher, compreender, solidarizar-nos. Não podemos concordar com o erro de ninguém, mas cada jovem que encontrarmos deve se sentir acolhido e compreendido por nós.

Um olhar de esperança

- 73.** Jesus olha com esperança não só a realidade e os desafios de seu tempo, mas, sobretudo, a vida de cada pessoa que encontra, sem desprezar ninguém, pois

Ele veio para dar a vida a todos e reunir os filhos de Deus dispersos (cf. Jo 11,52).

74. Diante da realidade desafiadora, Jesus olha com esperança os diversos terrenos em que o semeador deve lançar a semente da Boa Nova. Na Parábola do Semeador, Jesus motivou os discípulos para não desanimarem diante dos desafios, pois mesmo encontrando terrenos endurecidos, cheios de espinhos, pedregosos, encontrar-se-á também terra boa, onde a semente da Boa Nova será acolhida e dará muitos frutos (cf. Lc 8,4-8). Às vezes somos tentados a desistir logo, quando nos deparamos com resistência e indiferença à Palavra de Deus. Outras vezes, queremos ver logo os frutos e os resultados da missão. Esquecemo-nos de que nossa missão é lançar a semente; cabe a Deus fazer germinar e crescer. “Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento” (1Cor 3,6).

75. Diante das pessoas, Jesus também nos ensina a olhar com esperança em nossa missão evangelizadora. No Evangelho de Mateus, aplicam-se a Jesus as palavras do Profeta Isaias (42,1-3) – *“Eis o meu servo, que escolhi (...). Ele anunciará às nações o julgamento. Ele não discutirá, nem gritará, e ninguém ouvirá a sua voz nas praças. Não quebrará o caniço rachado, nem apagará a mecha que ainda fumega, até que faça triunfar o julgamento. Em seu nome as nações depositarão sua es-*

perança” (cf. Mt 12, 18-21; Is 42,1-13). Aqui Jesus nos ensina a ter um olhar de esperança para o ser humano, especialmente para os jovens. Há muitos que desistem precocemente da missão diante dos desafios que atingem os jovens, que ficam machucados, como que caniços rachados; outros têm dificuldade de viver a fé, mas têm uma mecha que ainda fumega.

- 76.** O olhar de Jesus para estes jovens é totalmente diferente do nosso olhar preconceituoso, às vezes de desconfiança, sem esperança e sem acreditar que a pessoa pode ser salva. “Seria horrível se Deus olhasse para o caniço e para o pavio como nós olhamos, e dissesse: ‘caniço, termine de rachar-se! Pavio, apague-se o seu fogo quase extinto!’ Observe como somos limitados em nossas perspectivas!”¹⁴ Que bom que o Senhor nos trata diferentemente! Ele nunca vai quebrar o caniço rachado, mas vai recuperá-lo; nunca vai apagar a mecha que ainda fumega, mas reacender o fogo da graça com o seu amor. É este olhar de esperança que devemos ter em nossa missão evangelizadora, especialmente com os jovens.

Um olhar de amor

- 77.** Deus sempre teve um olhar de amor sobre os que chamou para uma missão. Assim foi a eleição, a es-

¹⁴ PASTORELLO, Lúcia. “Ele não quebrará o Caniço rachado, nem apagará o pavio fumegante”. <http://inaeternumbylucia.blogspot.com.br/2011/04/>. Acesso dia 17/07/2016, 20h.

colha de Israel para ser o seu povo. Lembremo-nos também de algumas pessoas que Deus escolheu, ainda jovens, para uma missão específica. **O jovem Davi**, que era o menor dos sete filhos de Jessé e é para esse que o Senhor olha com esperança e o unge para ser o rei de Israel (cf. 1Sm 16,3.10-13). **O jovem Samuel**, que trabalhava com o sacerdote Eli e nem sequer conhecia o Senhor, no entanto, Deus conta com ele para uma missão (cf. 1Sm 3,1-10); **o jovem Jeremias**, que se sente ainda uma criança e manifesta ter medo porque não sabe falar (cf. Jr 1,4-10) e **a jovem de Nazaré, Maria**, que já estava prometida em casamento a José¹⁵, com todos os seus sonhos e planos, próprios de uma adolescente de sua época. Para essa juvenzinha, Deus olha com amor e a envolve com sua graça, escolhendo-a para ser a mãe do Salvador.

78. Jesus age da mesma forma, segundo os critérios de Deus e não dos seres humanos. Assim, olhou com

¹⁵ Lucas e Mateus usam a voz passiva do verbo *mnesteuein* (estar prometida) para designar o relacionamento entre José e Maria. Dizer que Maria estava prometida em casamento equivale a dizer para a cultura judaica que Maria estava casada com José. O uso da expressão “estava prometida em casamento” talvez seja pela dificuldade de encontrar a palavra apropriada, nas línguas ocidentais, para falar desta etapa do procedimento matrimonial judaico, que se dava em dois passos: o consentimento legal (*rûsîn* – esposais), a partir do qual a jovem já era considerada esposa. Contudo continuava morando na casa da família cerca de um ano. Depois vem o segundo momento (*nišû’in* – transferência formal) em que a esposa é acolhida na casa do seu marido. (cf. BROWN, R. E., *O nascimento do Messias – Comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas*, Paulinas, 2005, p. 146.

amor para o **jovem rico** a quem disse que não bastava saber os mandamentos, mas também fazer-se pobre para entrar no Reino; proposta recusada pelo jovem (cf. Mt 19, 13-15; Mc 10,17-31). O olhar de amor de Jesus para aquele jovem antecede qualquer resposta de acolhimento ou não. Aquele jovem não compreendeu o amor gratuito de Jesus por ele e não acolheu a sua proposta, por isso foi embora triste. Jesus conclui ensinando aos seus discípulos como é difícil para alguns entrar no Reino de Deus (cf. Mc 10,23). Esta passagem nos inspira a viver a nossa missão, conscientes dos seus desafios, tendo sempre um olhar de amor para o jovem, independente de sua resposta.

- 79.** O olhar de amor de Jesus se volta especialmente para os seus discípulos que tiveram dificuldade de acreditar em sua Palavra e de compreender tudo aquilo que Ele havia dito a respeito de seu caminho. Esta dificuldade não se deu apenas ao longo de seu caminho até Jerusalém (cf. Mc 8,31-10,52), mas também após sua morte e ressurreição, quando seus discípulos se trancaram no Cenáculo com medo dos judeus (cf. Jo 20,19). Outros saíram de Jerusalém, como os discípulos de Emaús que, desiludidos da vida, experimentam o olhar de amor e compaixão do Ressuscitado. Trata-se do olhar do mestre que não desiste de seus discípulos. Oferece-lhes uma nova experiência de discipulado ao ponto de lhes fazer arder o coração com suas

palavras. Por isso pediram: “Fica conosco” (Lc 24,29). E o ponto culminante da cena é justamente o partir o pão, quando ali os olhos dos discípulos se abriram ao contemplarem no partir o pão, o gesto que sacramentalizou o amor doação, o sacrifício de Jesus na cruz que nos garantiu a salvação.

- 80.** No pedido dos discípulos – “Fica conosco” (Lc 24,29) – entendemos que a evangelização da juventude tem a missão de levar os jovens a fazer a experiência de Jesus no *caminho* de suas vidas, deixando-se transformar por aquele que, de fato, dá sentido à vida. Por *caminho* de suas vidas, podemos entender as diversas situações em que se encontram os jovens: na Igreja ou fora dela, nos centros urbanos e nas comunidades rurais, nas periferias, nas praças. Não obstante o caminho em que esteja o jovem, o olhar amoroso de Jesus o acompanha e o encontra, seja pela escuta de sua Palavra, seja pelo amor de Deus manifestado através de gestos fraternos e solidários de seus irmãos e irmãs, seja no partir o pão da Eucaristia e na celebração dos demais sacramentos.
- 81.** Os jovens são também convidados a fazer esta experiência: encontrar-se com o Senhor, apresentar-lhe suas vidas, ouvir atentamente sua palavra, caminhar com os olhos fixos no olhar de Jesus, a fim de ver a própria vida, não na sua visão, às vezes míope, mas a partir

do olhar de Jesus, para redescobrir a verdade sobre a própria vida. O Papa Francisco aconselhou: “Querido jovem: «bote Cristo» na sua vida. [...] Ele o espera na Palavra; escute-o com atenção e o seu coração será inflamado pela sua presença”¹⁶. Somente no encontro com Jesus e a partir dele, as desilusões do mundo, a falta de esperança e do sentido da vida caem por terra.

3. O OLHAR DA IGREJA PARA OS JOVENS

82. A Igreja tem nos ensinado que “o jovem é o evangelizador privilegiado de outros jovens”¹⁷. O Papa Francisco recorda: “Sabem qual é o melhor instrumento para evangelizar os jovens? Outro jovem! Este é o caminho a ser percorrido!”¹⁸. Todavia, a evangelização da juventude não é exclusividade dos jovens. É uma missão da Igreja inteira. Para tanto, precisamos purificar nossa linguagem, reconhecer a riqueza da juventude: “a própria juventude é uma riqueza singular. É preciso descobri-la e valorizá-la.”¹⁹ Acolher, buscar os que estão afastados, pastorear e formar.

83. No âmbito comunitário da expressão da fé, pensar

¹⁶ PAPA FRANCISCO: *Discurso na acolhida dos Jovens na praia de Copacabana por ocasião da JMJ Rio 2013*.

¹⁷ CNBB, *Evangelização da Juventude*. n. 63.

¹⁸ PAPA FRANCISCO: *Homilia da Santa Missa da XXVIII Jornada Mundial da Juventude em Copacabana*. 28 de julho de 2013.

¹⁹ BENTO XVI: *Discurso no encontro com jovens no Pacaembu*. 10 de maio de 2007.

a evangelização da juventude implica proporcionar que os jovens se sintam configurados ao corpo místico de Cristo, a Igreja. Não se vive a fé no isolamento, mas na sua dimensão eclesial. Os bispos do Brasil reconhecem que “muitos jovens têm dificuldades para entender que eles são Igreja ou não se sentem acolhidos nas comunidades”²⁰. Precisamos, pois, ser uma “Igreja em saída”²¹, indo ao encontro dos jovens de nossa Arquidiocese, acolhê-los com amor, ouvi-los e dizer-lhes que eles são Igreja viva, em constante caminhada e crescimento.

- 84.** Além disso, é preciso reconhecer e valorizar as diversas expressões juvenis que revelam a riqueza de carismas que Deus concede à Igreja. Somos convidados a manifestar a unidade do corpo de Cristo: embora sendo diferentes, com funções, carismas e atividades diferentes, como os membros de um corpo, podemos todos trabalhar conjuntamente para a edificação do corpo de Cristo (cf. 1Cor 12,12-31).
- 85.** Recordamos ainda as Palavras do Papa Bento XVI para os jovens, em sua vinda ao Brasil: “Vocês, jovens, não são apenas o futuro da Igreja e da humanidade, como uma espécie de fuga do presente. Pelo contrário: vocês são o presente jovem da Igreja e da humanidade. São seu rosto jovem. A Igreja precisa de vocês, como

²⁰ CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 67

²¹ PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 20.

jovens, para manifestar ao mundo o rosto de Jesus Cristo, que se desenha na comunidade cristã. Sem o rosto jovem a Igreja se apresentaria desfigurada”²².

- 86.** A Igreja reconhece que “o jovem necessita que falemos para ele não somente de um Deus que vem de fora, mas também de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser alegre, dinâmico, criativo e ousado. A evangelização precisa mostrar aos jovens a beleza e a sacralidade da sua juventude, o dinamismo que ela comporta, o compromisso que daqui emana, assim como a ameaça do pecado, da tentação do egoísmo, do ter e do poder e, com isto, auxiliar também na conscientização de tudo aquilo que procura danificar esta obra de Deus”²³. Nesta perspectiva, é que a Igreja olha para os jovens como lugar teológico, que significa “acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem. O jovem, nesse sentido, é uma realidade teológica que precisamos aprender a ler e a desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de mui-

²² Bento XVI: *Discurso no encontro com os jovens – Pacaembu, São Paulo. Maio de 2007*,

²³ CNBB, *Evangelização da Juventude*.n. 80.

tas formas, também na realidade juvenil. Trata-se de fazer uma leitura teológica do que, de forma ampla, chamamos de “culturas juvenis”.²⁴ Portanto, todo o trabalho de evangelização da juventude, nas suas diversas expressões, deve ser feito a partir deste olhar de Jesus e da Igreja, a fim de que alcance o objetivo da missão que é fazer discípulos missionários, maduros na fé conforme o exemplo do Apóstolo Paulo: “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim. Minha vida atual na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2,20).

²⁴ Ibid. n. 80-81.

CAPITULO III

A SERVIÇO DA JUVENTUDE

- 87.** Tendo presente a realidade de sua juventude e olhando-a com o olhar de Jesus, a Arquidiocese de Mariana é chamada a propor caminhos que coloquem os jovens no centro e os tornem protagonistas de sua própria história, na Igreja e na sociedade. Fazemos isso em sintonia com o Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE 2016-2020), no espírito da pastoral orgânica, que assegura a unidade e a comunhão que devem caracterizar toda ação da Igreja.
- 88.** O jovem é muito importante para a Igreja. Por isso, a meta de toda ação evangelizadora da juventude é formar o jovem em todas as dimensões de sua vida, propiciando seu encontro pessoal com Jesus Cristo e favorecendo o seu amadurecimento na fé. A evangelização deve ajudar o jovem a desenhar seu Projeto Pessoal de Vida, um projeto que o impulse para a missão e para o livre exercício da cidadania, dimensão importante do discipulado²⁵. Ele deve sentir que Cristo o chama pelo nome (Jo 10,4) e quer manter com ele uma relação de Mestre e discípulo (cf. Jo 15,14), colaborador na construção da Civilização do

²⁵ Cf. Ibid. n. 77.

Amor. Somos, portanto, desafiados a (re)encantar e motivar os jovens da geração mais conectada da história, apresentando-lhes a Igreja como comunidade dos seguidores de Cristo²⁶.

89. Assim, em sintonia com as demais pastorais, movimentos e serviços eclesiais, nossos grupos de jovens devem assumir o compromisso de atuar a fim de que a Igreja particular de Mariana seja:

a) Uma Igreja em estado permanente de missão:

a missão é de todos, em todos os tempos e lugares, destinada a todos, indistintamente.

b) Uma Igreja atenta à iniciação cristã: É de nossa responsabilidade ajudar todos a encontrar Jesus e viver com Ele, tornando-se seus discípulos missionários.

c) Uma Igreja lugar de animação bíblica da vida e da pastoral: Investir na formação bíblica, na Leitura Orante da Bíblia, nos Grupos de Reflexão, nas pastorais, nos movimentos e associações eclesiais a fim de que a Palavra de Deus seja valorizada como centro de nosso grupo.

d) Uma Igreja que seja comunidade de comunidades: Os nossos grupos precisam ser autônomos, mas sem perder de vista a unidade da comunidade e sua comunhão em nível paroquial, regional, arquidiocesano e universal.

²⁶ Ibid. n. 61.

e) Uma Igreja a serviço da vida: Investir na dimensão sociotransformadora (em nossa Arquidiocese chamada também de sociopolítica) da evangelização, para que nossos jovens estejam a serviço da vida para todos, lembrados de que “a fé sem obras é morta” (Tg 2,26).

90. A evangelização da juventude é missão de toda a Igreja e deve levar em conta oito aspectos a partir dos quais são sugeridas pistas de ação. Estas pistas são como seta que indicará o caminho a ser percorrido pelas instâncias arquidiocesanas (regiões, forâneas, paróquias, comunidades), por meio de sua organização (coordenações, equipes pastorais, grupos de jovens), na elaboração de um plano pastoral em favor da juventude. Com isso, fica assegurada a unidade no respeito à diversidade, seja em relação à juventude, seja em relação à realidade na qual se insere a Igreja particular de Mariana.

1. Formação integral do jovem-discípulo

91. Um dos aspectos fundamentais para o discipulado é a formação. No caso dos jovens, esta formação deve contemplar cinco dimensões fundamentais para seu pleno desenvolvimento: psicoafetiva, psicossocial, mística, sociopolítico-ecológica e capacitação técnica. “Trata-se de efetivar, pedagogicamente, um conceito que se encaixa no contexto da sensibilidade da

cultura jovem e aponta para uma nova síntese que integre o racional com o simbólico, a afetividade, o corpo, a fé e o universo. Cada uma das cinco dimensões é vista como uma relação que o jovem tem com um aspecto da sua vida, respondendo às perguntas de fundo que todo ser humano faz, consciente ou inconscientemente²⁷.

Pistas de ação:

- a)** Avaliar sempre que possível, através de questionário enviado às paróquias, se as cinco dimensões da formação integral estão sendo contempladas dentro das expressões juvenis existentes na Arquidiocese;
- b)** Incentivar as expressões juvenis a promoverem, durante o mês vocacional, campanha de animação vocacional em comunhão com o Serviço de Animação Vocacional (SAV) da Arquidiocese, além de acompanhamento pessoal permanente do jovem para auxiliar no seu discernimento vocacional;
- c)** Promover a comunhão entre a catequese crismal e as expressões juvenis existentes em cada paróquia através de encontros e momentos de convivência fraterna;
- e)** Elaborar cartilhas que auxiliem na formação dos jovens e promover fóruns e encontros relaciona-

²⁷ Ibid. n. 97.

dos à temática da educação para o amor, corporeidade, sexualidade, questões de gênero, etnia, entre outras.

2. Espiritualidade do seguimento de Jesus

92. Na evangelização dos jovens, é fundamental apresentar-lhes uma espiritualidade que os faça sentirem-se amados por Deus e os coloque no caminho da santidade para a qual são chamados. “A espiritualidade é a motivação central e a bússola para orientar a vida de acordo com a vontade de Deus”. Por isso, a mística proposta aos jovens deve ser “centrada em Jesus Cristo e no seu projeto de vida; acolhedora do cotidiano como lugar privilegiado de crescimento e santificação; alegre e cheia de esperança; marcada pela experiência comunitária onde se medita a Palavra de Deus e se celebra a Eucaristia; apoiada no modelo do “sim” de Maria e na certeza de sua presença materna e auxiliadora; conduzida pelo compromisso com o Reino, traduzida no compromisso com a transformação social a partir da sensibilidade diante do sofrimento do próximo”²⁸.

Pistas de Ação

a) Incentivar os jovens a uma vivência concreta da espiritualidade cristã, a partir da intimidade com

²⁸ Ibid. n. 119.

- a Palavra de Deus, valorizando a Leitura Orante da Palavra;
- b)** Incentivar a participação nos sacramentos, a devoção Mariana, conhecimento da vida dos santos da Igreja e prática da oração pessoal,
 - c)** Incentivar a utilização do Ofício Divino das Comunidades e Ofício Divino da Juventude;
 - d)** Oferecer meios formativos que proporcionem gradativamente aos jovens acolhida consciente de sua vocação ao laicato, ao sacerdócio ministerial ou à vida consagrada;
 - e)** Proporcionar aos jovens uma liturgia inculturada que contemple alegria e profundidade, espontaneidade e respeito, passado e presente, silêncio e movimento, linguagem nova e tradição;
 - f)** Proporcionar retiro espiritual que favoreça o amadurecimento da fé e a experiência de conversão para assumir as exigências do seguimento de Jesus: renunciar a si mesmo e assumir a Cruz.
 - g)** Motivar os jovens ao diálogo inter-religioso²⁹ e à dimensão ecumênica.

²⁹ Trata-se do diálogo da Igreja Católica com outras religiões como o Budismo, o Islamismo, Hinduísmo, religiões afro. Já o Ecumenismo diz respeito ao diálogo com o Judaísmo e das Igrejas Cristãs entre si: católica, Protestantes (Luterana, Presbiteriana, Metodista etc.), Pentecostais e Neopentecostais (Batista, Assembleia de Deus, Congregação Cristã, Deus é Amor, Igreja Universal do Reino de Deus etc.). O diálogo busca construir a unidade e a comunhão no respeito à diversidade e às diferenças.

3. Pedagogia de formação

93. Não basta oferecer formação aos jovens. É necessário que esta formação seja feita de maneira pedagógica e didática. Assim, deve considerar a experiência acumulada da Igreja no Brasil e em outras partes da América Latina, dando prioridade à experiência sobre a teoria, servindo-se da pedagogia de pequenos grupos e eventos de massa, observando os níveis de evolução do processo de acompanhamento dos jovens como a organização de eventos para jovens, a organização de grupos de jovens e a conscientização dos jovens sobre este projeto pastoral para a juventude³⁰.

Pistas de Ação

- a)** Organizar, valorizar e acompanhar os grupos de jovens nas comunidades, respeitando as realidades socioculturais locais;
- b)** Fomentar a formação e capacitação de líderes jovens dentro de cada expressão juvenil;
- c)** Incentivar os jovens a serem protagonistas na evangelização de outros jovens das comunidades;
- d)** Organizar, quando necessário, eventos de massa que reúnam as várias organizações juvenis que atuam na evangelização da juventude;
- e)** Valorizar o envolvimento dos jovens nas atividades próprias da comunidade de fé.

³⁰ Cf. Ibid. n.142-161.

4. Discípulos e discipulas jovens para a missão

94. A evangelização da juventude precisa olhar para os jovens que estão fora da Igreja. Sabemos que os jovens organizados na Igreja são muito poucos, considerando seu grande número em nossas comunidades. Diante disso, “é preciso estimular em todos o espírito missionário para que saiam em missão para levar os outros jovens a um encontro pessoal com Jesus Cristo e o projeto de vida proposta por Ele”. Além disso, deve-se ter claro que “a missão não se reduz apenas a trazer os jovens para as atividades da Igreja, mas consiste também em despertar sua vocação e seu papel na sociedade”.³¹

Pistas de Ação

- a)** Conscientizar o jovem da importância da sua missão nos ambientes nos quais estão inseridos e naqueles que apresentam maiores desafios;
- b)** Despertar os jovens para a consciência da cidadania e o engajamento sociopolítico para transformação da sociedade, a partir da evangélica opção preferencial pelos pobres e pelos jovens.
- c)** Ir ao encontro dos jovens afastados da comunidade eclesial a fim de falar-lhes do amor de Cristo e da Igreja, que é mãe da juventude;
- d)** Abrir-se a parcerias e trabalhos conjuntos com outras organizações juvenis da sociedade civil cujo objetivo seja a defesa da vida e da justiça.

³¹ Ibid. n. 175.177.

5. Estruturas de acompanhamento

95. A eficácia da evangelização exige um mínimo de estrutura. Esta, no entanto, não pode ser colocada como primeiro ato de evangelização. Nem se deve considerar que basta tê-la para se afirmar que a evangelização está acontecendo. Ao mesmo tempo, é preciso cuidar para não se ampliem estruturas, tornando-as peso que dificultam a missão. Atente-se para o fato de que “a evangelização da juventude passa pelo fortalecimento das estruturas organizativas que acompanham os processos de educação na fé”³².

Pistas de Ação

- a)** Organizar uma instância de articulação que favoreça a partilha e a reflexão das alegrias e desafios encontrados no trabalho de evangelização da juventude na Arquidiocese de Mariana;
- b)** Investir recursos humanos e financeiros para as estruturas de formação e acompanhamento da evangelização dos jovens nos diversos níveis;
- c)** Intensificar a comunhão com a Pastoral da Comunicação a fim de ampliar a comunicação da ação das expressões juvenis na Arquidiocese de Mariana.

³² Ibid. n. 183.

6. Serviço de assessoria

96. Um dos serviços essenciais à evangelização da juventude é a assessoria. É urgente, portanto, “identificar e capacitar pessoas, maduras na fé e chamadas por Deus para exercerem o ministério da assessoria, acompanhando os processos de educação na fé dos jovens, dispostas a servirem com sua experiência e conhecimento, desejosas de compartilhar sua descoberta de Cristo e seu projeto”³³.

Pistas de Ação

- a)** Cada expressão juvenil em nível paroquial deve escolher seus assessores e articuladores que auxiliem os jovens no processo de evangelização;
- b)** Garantir, nas regiões e na Arquidiocese, a presença de uma equipe composta, enquanto possível, por um padre, religiosa(o), leigas e leigosadultos e jovens para acompanhar os grupos de jovens e a evangelização da juventude;
- c)** Assegurar a formação de assessores

7. Diálogo fé e razão

97. Um debate que sempre se coloca diz respeito à relação entre fé e razão. Está claro para a Igreja que a con-

³³ Ibid. n. 203.

vivência entre as duas pode ser harmoniosa e, mais do que isso, colaborativa. Uma não se opõe, necessariamente, à outra³⁴. Portanto, “a ação pastoral deve favorecer a base intelectual da sua fé para que saibam se mover de maneira crítica dentro do mundo intelectual, acompanhados de vida cristã autêntica para que possam atuar responsavelmente no mundo do qual fazem parte”³⁵.

Pistas de Ação

- a)** Ajudar o jovem a “dar razão da sua esperança” (cf. 1Pd 3,15) através de conferências, mesa redonda, debates, reflexões, estudos, café filosófico-teológico especialmente em ambientes universitários, sempre abertos ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso;
- b)** Despertar o espírito missionário dos universitários frente a outros jovens, aos pobres e à sociedade através de projetos sociais;
- c)** Conhecer mais os autores e pensadores cristãos que souberam estabelecer o diálogo entre fé e razão pela reflexão e presença cristã na sociedade, especialmente no mundo universitário.

³⁴ Cf. JOAO PAULO II, *Fides et Ratio*.

³⁵ CNBB, *Evangelização da Juventude*, n. 218.

8. Direito à vida

- 98.** A vida é o dom mais precioso que recebemos de Deus. No entanto, nem sempre as estruturas políticas e sociais favorecem sua proteção e defesa. Diante disso, devemos empreender ações que coloquem a vida, em todas as suas manifestações, como bem supremo a ser preservado. Isso implicará atuação político-social também da juventude na defesa de seus direitos e de políticas públicas que atendam toda a população. “As políticas públicas são mecanismos através dos quais os direitos podem ser universalizados e visam a uma reorientação do Estado para uma sociedade justa e solidária por meio de ações duradouras e capazes de reformar as instituições”³⁶.
- 99.** Em relação específica à juventude, é urgente “garantir que todos os jovens tenham acesso aos direitos fundamentais, numa sociedade marcada por profundas desigualdades sociais, regionais, raciais e de gênero”³⁷.

Pistas de Ação

- a)** Comprometer toda a Igreja com a promoção dos direitos dos jovens, aumentando sua qualidade de vida em todas as suas áreas: família, sociedade, trabalho, lazer, educação, segurança;

³⁶ Ibid. n. 233.

³⁷ Ibid. n. 234.

- b)** Utilizar a arte e a cultura para despertar lideranças em vista da defesa da juventude;
- c)** Proporcionar aos jovens o conhecimento da Doutrina Social da Igreja;
- d)** Despertar o jovem para a defesa da vida desde a concepção até a morte natural;
- e)** Apoiar iniciativas que favoreçam o amadurecimento da família como primeiro espaço de direito;
- f)** Combater todo tipo de discriminação, preconceito e intolerância.

Conclusão

100. O Projeto de Evangelização da Juventude da Arquidiocese de Mariana nasce no ano em que o Papa Francisco convoca o Sínodo dos Bispos para discutir a juventude com o tema *“Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”*. Temos claro, como lembra o documento preparatório deste Sínodo que, para nós, “os jovens são sujeitos e não objetos”³⁸. Na sociedade, eles são, muitas vezes, tratados como peça de manobra, objeto descartável, massa de consumo. Temos clareza de que “a Igreja não pode reproduzir esta atitude, porque todos os jovens, sem exclusão alguma, têm o direito de ser acompanhados no seu caminho”³⁹. Este nosso Projeto visa exatamente a isso.

³⁸ Documento preparatório da 14ª Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional.

³⁹ Idem.

101. Na implementação deste Projeto, somos chamados a dar especial atenção aos jovens pobres e excluídos como lembra o documento preparatório do Sínodo: “Cada comunidade é chamada a prestar atenção principalmente aos jovens pobres, marginalizados e excluídos, e a torná-los protagonistas. Estar próximo dos jovens que vivem em condições de maior pobreza e dificuldade, violência e guerra, enfermidade, deficiência e sofrimento, é uma dádiva especial do Espírito, capaz de fazer resplandecer o estilo de uma Igreja em saída. A própria Igreja é chamada a aprender dos jovens: disto dão um testemunho luminoso numerosos jovens santos, que continuam a ser fonte de inspiração para todos”⁴⁰.

102. Com este Projeto, a Igreja particular de Mariana é chamada a olhar o jovem com o olhar de Jesus Cristo e a reconhecer sua capacidade de construir um mundo melhor. A todos os jovens nossa Arquidiocese repete com o Papa Francisco: “Não tenham medo de ouvir o Espírito que lhes sugere escolhas audazes, não hesitem quando a consciência lhes pedir que arrisquem para seguir o Mestre. Também a Igreja deseja colocar-se à escuta da voz de vocês, da sua sensibilidade, da sua fé; até das suas dúvidas e das suas críticas. Façam ouvir o grito de vocês, dei-

⁴⁰ Idem.

xem que ele ressoe nas comunidades e façam que ele chegue aos pastores”⁴¹.

- 103.** Com este Projeto aprendamos também a ouvir os jovens lembrados de São Bento “que recomendava aos abades que, antes de cada decisão importante, consultassem também os jovens porque ‘muitas vezes é exatamente ao mais jovem que o Senhor revela a melhor solução’ (Regra de São Bento III, 3)”⁴².

⁴¹ Carta do Papa Francisco aos jovens na apresentação do documento preparatório para o Sínodo dos Bispos sobre a juventude. 13 de janeiro de 2017

⁴² Idem.